

FACULDADE DA ASSOCIAÇÃO BRASILIENSE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Camila Maurina

PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NAS REUNIÕES ESCOLARES: uma aproximação
necessária para formação integral

Marau
2016

Camila Maurina

PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NAS REUNIÕES ESCOLARES: uma aproximação
necessária para formação integral

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Faculdade da Associação Brasileira de Educação, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da professora Me. Raquel Ardais Medeiros Ferlin.

Marau

2016

M455p Maurina, Camila

Participação da família nas reuniões escolares: uma aproximação necessária para formação integral. / Camila Maurina. FABE, 2016.

35 f.; 30 cm.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Raquel Ardais Medeiros Ferlin
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) — Faculdade da Associação Brasileira de Educação de Marau, 2016.

Bibliografia: f. 33 - 34.

1. Gestão Escolar – Participação dos Pais. I. Título.

CDD – 371.2

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Alvarito Baratieri – CRB-14º/273

Camila Maurina

**PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NAS REUNIÕES ESCOLARES: uma aproximação
necessária para formação integral**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Faculdade da Associação Brasiliense de Educação, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da professora Me. Raquel Ardais Medeiros Ferlin.

Orientadora - Professora Me. Raquel Ardais Medeiros Ferlin – FABE

Dedico este trabalho aos meus pais, Jandair Maurina e Rosângela Maurina pelo incentivo e apoio aos estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, pela saúde e pelas forças, durante esta caminhada, sempre me iluminando para não desanimar no meio do caminho.

Aos meus pais, Jandair e Rosângela, pelo incentivo, conselhos e apoio a mim destinados durante este percurso.

Ao meu namorado, Charles, por compreender que era necessária minha permanência durante horas em frente ao computador ou lendo os livros. Obrigado pela forma carinhosa que sempre me deu coragem, apoio e incentivo nos momentos difíceis, durante esta trajetória.

À professora orientadora Me. Raquel Ardais Medeiros Ferlin, que me auxiliou no processo de construção desta pesquisa.

A todos que de uma forma ou de outra contribuíram para que esse trabalho fosse concretizado. Muito obrigada!

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo
Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa.
Por isso aprendemos sempre”.
Paulo Freire.

RESUMO

O presente trabalho trata da importância da participação dos pais nas reuniões pedagógicas no processo educativo dos educandos. O objetivo do estudo consiste em verificar se a participação dos pais, nas reuniões promovidas pela escola, contribui no processo de aprendizagem dos educandos para o seu desenvolvimento integral. Verificar a importância da participação da família no contexto escolar. A pesquisa é de cunho qualitativo, bibliográfica e de campo, onde a coleta de dados será realizada através de um questionário com perguntas semiestruturadas, aplicadas diretamente a educadores, diretores, coordenadores, de duas escolas do município de Marau-RS, de redes de ensino particulares. Realizaram-se leituras de bibliografias que possibilitaram um maior entendimento sobre o tema e a elaboração do referencial teórico. Conhecer o desenvolvimento o processo de relação da criança na escola, é fundamental para obter conhecimentos concretos, sobre a relação da família e escola, assim também levando em consideração os benefícios dessa relação família/escola, em se impactam e ou influenciam no processo de aprendizagem dos educandos. A partir disso, percebe-se que a participação dos pais na escola, influencia no desenvolvimento do educando, em suas atitudes diárias em sala de aula, como também facilita esse diálogo entre a instituição de ensino e a família. O qual é primordial para o sucesso escolar do aluno/filho.

Palavras chave: Reuniões de Pais, Família, Escola, Aprendizagem.

ABSTRACT

This paper deals with the importance of parental participation in pedagogical meetings in the educational process of students. The aim of the study is to verify if the parents' participation in the meetings promoted by the school contributes to the learning process of the students for their integral development. To verify the importance of family participation in the school context. The research is qualitative, bibliographical and field, where data collection will be performed through a questionnaire with semi-structured questions, applied directly to educators, directors, coordinators, two schools in the municipality of Marau-RS, educational networks Individuals. Readings of bibliographies were made that allowed a greater understanding on the subject and the elaboration of the theoretical reference. Knowing the development of the relationship process of the child in school is fundamental to obtain concrete knowledge about the relationship between the family and school, as well as taking into account the benefits of this family / school relationship, on whether they impact and / or influence the learning process of the students. From this, it can be seen that the parents' participation in school, influence on the development of the student, in their daily attitudes in the classroom, as well as facilitates this dialogue between the educational institution and the family. Which is paramount for student / child success.

Keywords: Parent meetings, Family, School, Learning.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A ESCOLA E A CRIANÇA	12
3	RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA	18
4	REUNIÕES ESCOLARES: uma aproximação necessária	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	33
	APÊNDICE A - Questionário	35

1 INTRODUÇÃO

Ao ter a oportunidade de dialogar sobre este assunto com alguns educadores de um colégio em particular, despertou minha curiosidade ao observar alguns educadores relatando sobre a falta dos pais em reuniões promovidas pela escola. Foi algo que me deixou muito inquieta, principalmente por saber que a família e a escola devem andar juntas, por um caminho em que o educando seja o sujeito do processo.

Diante disso, a pesquisa tem como tema e problematização: a participação dos pais nas reuniões promovidas pela escola impactam e/ou influenciam no processo de aprendizagem dos educandos.

Como objetivo geral, propõe-se a verificar se a participação dos pais, nas reuniões promovidas pela escola, contribui no processo de aprendizagem dos educandos para o seu desenvolvimento integral.

Dentro desse contexto, elencaram-se objetivos específicos: Conhecer o desenvolvimento e o processo de relação da criança na escola, verificar o contexto da relação da criança na escola, qual é o papel fundamental da instituição de ensino para a criança.

Considerando que a pesquisa é importante para adquirirmos maiores conhecimentos, seja como acadêmicos, como requisito para a conclusão do curso, bem como para qualquer educador que atua em sala de aula.

Segundo Demo (2001 p. 51-52)

Sem pesquisa não há ensino. A ausência de pesquisa degrada o ensino a patamares típicos da reprodução imitativa. Entretanto, isto não pode levar ao extremo oposto, do professor que se quer apenas pesquisador, isolando-se no espaço da produção científica. Por vezes, há professores que se afastam do ensino, por estratégia, ou seja, porque do contrário não há tempo para pesquisa. Outros, porém, induzem à formação de uma casta, que passa a ver no ensino algo secundário e menor. Se a pesquisa é a razão do ensino, vale o reverso: o ensino é a razão da pesquisa, se não quisermos alimentar a ciência como prepotência a serviço de interesses particulares. Transmitir conhecimento deve fazer parte do mesmo ato de pesquisa, seja sob a ótica de dar aulas, seja como socialização do saber, seja como divulgação socialmente relevante.

Dessa forma, como salienta Demo, a pesquisa faz parte do processo de aprendizagem, serve como ferramenta para aprimorar conhecimentos e experiências nos pesquisadores. Quanto mais pesquisas forem realizadas, obterão ideias novas, tecnologias anaçadas, teorias, agregando mais conhecimento também, para os leitores da pesquisa.

O primeiro capítulo trata do tema, a escola e a criança, este relata uma breve história da educação brasileira, as suas marcas históricas mais importantes até o presente. Contudo, a escola, que, por sua vez, tinha o papel de ensinar o que o mundo do trabalho iria cobrar ao indivíduo no futuro, passa a absorver também a função de educar para a vida no que se referem aos aspectos sociais, espirituais, entre outros.

Como segundo capítulo, foi destacada a relação família e a escola, observando, ao logo da pesquisa, algumas mudanças, nas últimas décadas, em relação às famílias e aos processos educativos. Nessa perspectiva, buscou-se entender qual era o conceito de família e qual era o conceito de escola e como ambas se relacionam.

Como ressalta Parolin (2005, p. 99).

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa instituição. A escola tem sua metodologia filosofia, no entanto ela necessita da família para concretizar seu projeto educativo.

No terceiro e último capítulo, destaca-se as reuniões pedagógicas (entrega de boletins, reuniões de pais, atividades escolares), se existe uma relevância na participação dos pais nesses compromissos escolares para o educando e, para uma análise qualitativa, foi realizada uma pesquisa de campo, através de questionários, entregues para professores da rede privada, para se ter embasamento teórico sobre essa análise.

Verificar essa parceria entre a família e a escola é de fundamental importância, para a educação, quando os pais participam ativamente da vida de seus filhos e se engajam, inclusive, no dia a dia escolar dele, o resultado é que os alunos/filhos se dediquem e se esforcem mais nas atividades escolares, pois, além de se sentirem amados e apoiados, esses filhos sentem-se motivados em alcançar os objetivos atuais e futuros.

Os pais que procuram saber sobre a afinidade dos filhos com os professores, com os colegas, com a comunidade escolar, bem como o seu comportamento em sala de aula, notas, dificuldades e facilidades nas matérias, sobretudo relacionado ao rendimento escolar do filho, normalmente, está disposto a amparar o professor a vencer os desafios e dificuldades do filho.

A educação é um processo de constante modificação e aperfeiçoamento, desta forma ainda há muitas contribuições sobre este assunto, portanto, esta pesquisa não se esgota nesses capítulos.

2 A ESCOLA E A CRIANÇA.

A escola é uma instituição relevante para o desenvolvimento das pessoas, das organizações e das sociedades. Ela desempenha um papel fundamental e insubstituível na consolidação das sociedades, baseadas no conhecimento, na justiça social, na igualdade, na solidariedade e nos princípios sociais e éticos. Sendo assim, neste capítulo, para uma melhor compreensão e embasamento, será feito um resgate do processo educativo no País, destacando os principais marcos históricos educacionais.

A história da educação no Brasil começa a se desenvolver com o regime de capitanias hereditárias, entendendo assim, que a organização escolar no Brasil Colônia está escrupulosamente vinculada à política colonizadora dos portugueses. Desta maneira, que os colégios jesuítas foram o instrumento de formação da elite colonial. Assim afirma Gonçalves (1998, p.38).

Além de educadores e missionários, os jesuítas fizeram sentir sua presença no Brasil através de várias outras funções que exerceram durante todo o período colonial: como conselheiros das principais autoridades administrativas, como construtores das maiores bibliotecas da colônia, como exploradores de sertões, e como linguistas, historiadores, antropólogos, botânicos, farmacêuticos, médicos, arquitetos e artesãos dos mais diversos tipos.

A partir do pensamento de Gonçalves (1998), entende-se que eles tinham um objetivo claro de ensino, no qual era o plano legal, catequizar e instruir os índios. E os planos reais se distanciam, pois os índios eram apenas catequizados, pela avaliação, e resultados positivos era mais fácil de ser aproveitado para a mão de obra. A educação se formou a partir de meios profissionais, ou seja, trabalho manual, aprendendo técnicas rudimentares de trabalho, que se obtinham aprendizagens, através do convívio do seu cotidiano, porém para as mulheres, a educação restringia-se a boas maneiras e prendas domésticas.

Entretanto, a elite da época era preparada para o trabalho intelectual religioso, ou seja, se formassem sacerdotes. Isso, por sua vez, fez com que os colégios fossem procurados por muitos que não traziam nenhuma vocação religiosa, mesmo assim acreditava-se que essa era a única via de preparo intelectual.

De acordo com a formação intelectual oferecida pelos jesuítas, portanto, a formação específica da elite colonial é marcada por ser rígida, na sua maneira de pensar e, conseqüentemente, na maneira de agir perante conflitos sociais, escolares ou religiosos.

Com isso a escolha de docentes para o exercício de suas funções escolares era realizada com muita cautela e sempre avaliada.

Todavia, analisamos um pouco sobre o início da educação, antes mesmo de serem instituições de ensino “oficiais”. A criança sempre existiu, mas constata-se que o sentimento de infância¹ era ausente, somente depois do século XVI, a partir dos séculos XVII e XVIII, surgiu esse novo padrão de criança, assim identifica Ariès em suas pesquisas.

Conforme Ariès, (1981), “a infância foi uma invenção da modernidade²”. O autor escreve o sentimento de infância como uma consciência da criança decorrente de um processo contínuo, histórico. Essa concepção descrita por Ariès marcou grandes mudanças no que se considera infância, nunca se pensou que a criança necessitaria de uma instituição de ensino escolar, pois ela era apenas observada como mais um “adulto”, que vai trabalhar para obter lucros para suas famílias.

Logo após a educação dos jesuítas, veio com inovações no ensino D. João, que trouxe novas possibilidades e novas ideias para obter uma melhoria na educação, momento esse chamado de “abertura dos portões”, como também o mesmo, abriu Academias Militares, instituições de ensino superior com especificidade em cursos de Medicina e Direito, assim são fundadas a Escola de Medicina na Bahia e a do Rio de Janeiro, hoje atual Faculdade Nacional de Medicina (UFRJ).

Em seguida, logo após essa independência do Brasil, a educação recebe influência filosófica positivista, que é a partir da Reforma de Benjamin Constant, que tinha como princípios, sobre a liberdade e a laicidade do ensino educacional brasileiro, como também a gratuidade da escola primária, princípios esses que já estava estipulado na constituição brasileira. O modelo de escolarização que estava sendo assimilado era a da Escola Nova.

Nagle aborda a seguinte perceptiva, (1974, p. 101).

O entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico, que tão bem caracterizam a década dos anos 20, começaram por ser, no decênio anterior, uma atitude que desenvolveu correntes de ideias e movimentos políticos- sociais e que consistia em atribuir importância cada vez maior ao tema da instrução, nos diversos níveis e tipos. É essa inclusão sistemática dos assuntos educacionais nos programas de deferentes

¹ Philippe Ariès, historiador francês, utiliza o termo sentimento de infância para referir-se à postura adotada para com as crianças, entendendo-as como sujeitos diferentes dos adultos. Essa postura desenvolveu-se, inicialmente, com relação às crianças das classes mais elevadas (século XVI) e, posteriormente, estendeu-se às parcelas mais pobres da população.

² “Indubitavelmente a ideia de infância que temos atualmente e que permeia todos os discursos por onde circulam crianças teve sua marca maior na sociedade moderna. Ariès mostra que o lugar de anonimato ocupado pelas crianças que sobreviviam aos primeiros tempos de vida na Idade Média passa a ter outro sentido no período posterior, ou seja, na modernidade” (MARITA REDIN, 2007, p. 12).

organizações que dará origem àquilo que na década dos anos 20 está sendo denominado entusiasmo pela educação e otimismo pedagógico.

É verídico o entusiasmo pela educação, em novos planos futuros para a educação. Entretanto é a partir da década de 30, início da Era Vargas, que surgem as reformas educacionais mais modernas. Onde alguns reformadores educacionais das décadas anteriores passaram a ocupar cargos importantes na administração do ensino.

Assim, a primeira iniciativa dessas reformas no âmbito educacional foi a criação do Ministério da Educação e das secretarias de educação do Estado. Que vieram em lugar das antigas Diretorias-Gerais de Instrução Pública, assim surgiram oportunidades para os educadores, também, a partir da Conferência, promovida pela Associação Brasileira de Educação, se obteve um auxílio na formulação de uma política nacional da educação regida por Fernando de Azevedo, o manifesto chamado, a reconstrução educacional do Brasil: Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

Foi assinado por 25 educadores que eram favoráveis ao ensino público totalmente laico. Com essas reforma educacional ainda mais moderna, nada melhor do que uma prática democrática para aprender a democracia. A constituição de 1946, que restabeleceu o regime democrático no país, que quis reintroduzir alguns princípios. Segundo Chagas princípios esses, (1980, p. 210). “A educação como direito de todos, a escola primária obrigatória, a assistência aos estudantes e a gratuidade do ensino oficial para todos ao nível primário e, aos níveis ulteriores, para quantos provassem falta ou insuficiência de meios”.

Contudo, após essas reformas na educação, e uma nova constituição, uma das primeiras leis a estabelecer as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), foi a lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, a qual estabelecia os diversos níveis de ensino: o ensino fundamental, primário, o qual era para adiantamento do raciocínio e de atividades de expressão da criança, e sua interação no meio físico e social. (art. 25) e o ensino médio, que se destinava à formação do adolescente (art. 33). Já para o ensino superior, tem por objetivo a pesquisa, o incremento das ciências, Letras e Artes e a formação de profissionais de nível universitário (art. 66).

A LDB também trouxe conteúdos curriculares, os quais deixaram de ser padrão com o estudo das mesmas disciplinas em todo o país, a partir de então, os estabelecimentos de ensino passaram a ter certa liberdade na organização dos seus currículos. Após isso, com a ditadura militar, vigorava a racionalidade tecnocrática na educação.

Na nova república iniciada por Sarney, propunha-se a racionalidade democrática, existia na área educacional a racional financeira, com inquietações sobre custo-benefício, eficácia no cumprimento e excelência do produto, preocupações provenientes do ambiente empresarial. Feito isso, surgiu a necessidade de revigorar as leis.

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, apresentou-se na Câmara Federal um projeto fixando as Diretrizes e Bases Nacionais frente à inovação da realidade da educação e da sociedade brasileira, o plano em pauta sugerira uma ampliação dos recursos para educação pública. Uma vez aprovado no Senado, o projeto retornou à Câmara dos Deputados e o Governo Federal exigiu a aprovação até o final do ano de 1996, assim, foi aprovado na Câmara o relatório contendo o texto final da LDB.

Concentrando que o Brasil é uma República Federativa constituída de 26 Estados e do Distrito Federal, o sistema de ensino é arranjado em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios.

O Governo Federal, representado pelo Ministério da Educação (MEC), prepara e financia o sistema federal de ensino e proporciona a assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para o desenvolvimento de seus princípios de ensino e o atendimento prioritário à escolaridade. Fazem parte do sistema federal basicamente as universidades, as instituições de ensino superior isoladas, núcleos federais de educação, média tecnológica e uma rede de educandários técnicos agrícolas e industriais em nível de Segundo Grau.

A LDB, nº 9.934/96 assume a característica indicativa, de modo a permitir o aperfeiçoamento de questões educacionais amplamente discutidas, sempre que houver necessidades de mudanças, definindo assim as ações que devem ser realizadas e quais os objetivos a serem atingidos conforme a realidade nas diferentes localidades bem como necessidade de mudanças no cotidiano educacional brasileiro.

Desse modo, as práticas das Leis devem ser consideradas uma das prioridades da educação, tendo em vista que o progresso do sistema educacional acontece a partir dos aperfeiçoamentos que são introduzidos ao longo do processo de transformações, acompanhando a realidade da educação do nosso país.

Saviani, em sua concepção diz (1991, p. 18).

Como as iniciativas cabiam ao professor, o essencial era contar com um professor razoavelmente bem preparado”. Assim, as escolas eram organizadas em forma de classes, cada uma contando com um professor que expunha as lições que os alunos

seguiam atentamente e aplicava os exercícios que os alunos deveriam realizar disciplinadamente.

Muitas instituições de ensino ainda seguem esse método tradicional, no entanto, nossa LDB, apresenta inúmeras mudanças para essas teorias, como já vimos. Assim, hoje, percebemos a relação professor/aluno, que é fundamental para o progresso dos alunos.

De acordo com Aquino (1996, p. 34), a relação professor/aluno é importante a ponto de estabelecer posicionamentos pessoais em relação à metodologia, à avaliação e aos conteúdos. Pois, se a afinidade, a relação for positiva, entre ambos a probabilidade de um maior aprendizado cresce.

Assim em todo processo de aprendizagem humana, a interação social e a mediação de outro ser tem fundamental importância. Nas instituições de ensino, pode-se dizer que a interação professor/aluno é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo em um ensino aprendizagem de qualidade tanto para o aluno quanto para o professor, que é constantemente aluno todos os dias, pois tem sempre novas aprendizagens em seu currículo.

No entanto, temos uma ideia de que só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos docentes, se estes confiarem no diálogo como um fenômeno humano capaz de mobilizar, refletir e agir esses sujeitos.

E para compreender melhor essa prática dialógica, Paulo Freire (1987, p. 79), destaca que.

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutastes.

E assim é um professor que atua nessa perspectiva, ele não é visto como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, alguém capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a refletir sobre seu entorno, assumindo um papel mais humanizador em sua prática docente, a partir disso um ensino de qualidade é alcançado com grandes sucessos, pois a relação de professor/aluno é articulada com ideias transformadoras de educação, dialogadas em forma de adquirir novas aprendizagens. Contudo, inovações aparecem ao longo do tempo, novas leis, novas discussões, que servem

como alicerces de melhoria para uma educação de qualidade. Entretanto, algumas novas normas foram estabelecidas pela Lei nº 12.796 o novo documento ajusta a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB) à Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009, que torna obrigatória a educação básica a partir dos quatro anos de idade.

A Lei nº 12.796/2013 também estabelece que a educação infantil contemple crianças de quatro e cinco anos na pré-escola, será organizada com carga horária mínima anual de 800 horas, distribuída por no mínimo 200 dias letivos, assim o atendimento à criança deve ser, no mínimo, de quatro horas diárias para o turno parcial e de sete para a jornada integral. A cláusula já é válida para o ensino fundamental e médio.

Assim, a educação se faz presente em três grandes modalidades de ensino, sendo que a Educação Infantil compõe a primeira etapa da Educação Básica.

E tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idade, em seus diferentes aspectos. Destina-se às crianças de zero a cinco anos e é ofertada em creches "para crianças de até três anos de idade e em pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade". Já o Ensino Fundamental constitui a segunda etapa da Educação Básica, com matrícula obrigatória para crianças a partir dos seis anos de idade e com duração de nove anos de escolaridade, gratuito na escola pública.

E, por último, o Ensino Médio é a etapa final da Educação Básica, com duração mínima de três anos, tem como função específica propiciar aos alunos as competências necessárias para prática social vinculada ao mundo do trabalho.

Para que tudo isso proceda de uma forma clara e com qualidade, necessitamos de uma gestão holística, antes de termos essa gestão anterior a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº. 9394/96, a escola era administrada por princípios fundamentados na Administração Escolar.

3 RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA

“A família é o elemento natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção desta e do Estado”

Declaração Universal dos Direitos do Homem,
Art.º 16 al. 3, 1948, citado por Leandro (2001, p.15).

Nos últimos anos, várias mudanças ocorreram na sociedade, principalmente relacionadas ao processo de globalização da economia. Essas transformações interferiram diretamente na dinâmica e na estrutura familiar, o que possibilitou mudanças em seu padrão tradicional de organização. Dessa forma, abordar-se-á, neste capítulo, a relação entre a família e a escola, por entender que alguns importantes aspectos no que se refere ao papel fundamental dessas duas instituições, interessa saber, possuem um objetivo comum, que é o desenvolvimento integral da criança. A partir disso, refletindo sobre essas instâncias, busca-se entender o conceito de família, e de escolas.

Sabe-se que a família faz parte do caráter educacional do aluno/filho, pois é onde já se encontram momentos de socialização para a criança, pois a mesma já está em um lugar de trocas de experiências, através de sentimentos, emoções, conhecimentos e significados que já são veiculados no conhecimento do aluno. Todavia, destaca-se o conceito de família na visão de Leite (2003 p. 89-90).

A família é uma estrutura intermediária de dupla função entre indivíduo e a comunidade”. Interiormente, ela vem favorecer a aprendizagem das relações interpessoais e de bons costumes onde cada um sabe que pode contar com o outro e onde as relações são razoavelmente previsíveis. Estas relações criam uma espécie de adaptação á personalidade em desenvolvimento e oferece proteção e limites para evitar que acabem se perdendo no meio de influências e liberdades arbitrárias. “Externamente, a família contribui como intermediária nos contatos com a sociedade favorecendo uma inserção estruturada e progressiva, limitando os choques mais duros, legalizando as opiniões e influencias exteriores.

Nessa perspectiva, entende-se que, a família³ é uma das instituições responsáveis pelo processo de socialização, realizando mediante práticas exercidas por os seus transmissores, os pais, e desenvolvidas junto aos receptores, os filhos.

³ “A família é um grupo aparentado responsável principalmente pela socialização de suas crianças e pela satisfação de necessidades básicas Ela consiste em um aglomerado de pessoas relacionadas entre si pelo sangue, casamento, aliança ou adoção, vivendo juntas ou não por um período de tempo indefinido.” DIAS, 2005. p. 210).

Essas práticas caracterizam-se em ações do cotidiano, habituais, ou seja, nas trocas interpessoais. Entretanto não se aborde de um conhecimento estruturador, mas sim, o resultado de uma aprendizagem social transmitida de geração em geração. Pois esses legados, deixados de pais para filhos são como heranças de saber, hábitos, conhecimentos.

Através do pensamento de Szymanski (2010), analisando o esse termo família, tendo em vista um modelo familiar apresentado hoje. Uma genealogia tem por base o casamento religioso, evangélico, civil, bem como as relações jurídicas deles resultantes, entre os cônjuges. Na idade Média, por exemplo, predominava uma estrutura familiar patriarcal em que um vasto leque de pessoas se encontrava sob a autoridade do mesmo chefe, nos tempos medievais, as pessoas começaram a estar ligados por vínculos matrimoniais, formando novas famílias selecionadas, muitas vezes pelos mais velhos, o pai do noivo e o pai da noiva, para um propósito de gerar maiores reinos, juntando-se sobrenomes reais.

Contudo a família está em constante modificação, ela está em constantemente sendo transformada através dos tempos, acompanhando as mudanças religiosas, econômicas e socioculturais do contexto em que se encontram inseridas. Esse é um ambiente sociocultural que deve ser consecutivamente renovado e reconstruído.

Inúmeras mudanças e relações de famílias foram feitas, mas, assim mesmo, falta a clareza necessária para conduzir a atual sociedade, a esse modelo de família apresentado hoje. No entendimento de Dias (2006, p. 31), “talvez o grande ganho tenha sido excluir expressões e conceitos que causavam grande mal-estar e não mais podiam conviver com a nova estrutura jurídica e a moderna conformação da sociedade”.

Ainda para a autora, na contemporaneidade (2006, p. 31), “existe uma nova concepção de família, formada por laços afetivos de carinho e de amor”. Não existe um modelo perfeito, a ser seguindo, mas, sim, uma família na qual exista amor, laços afetivos e intenso companheirismo.

Ao tratar da visão afetiva da relação familiar, Pereira (1988, p. 19), trata dos acréscimos sociais dessa nova concepção afirmando que, “uma família que experimente a convivência do afeto, da liberdade, da veracidade, da responsabilidade mútua, haverá de gerar um grupo não fechado egoisticamente em si mesmo, mas sim voltado para as angústias e problemas de toda a coletividade, passo relevante à correção das injustiças sociais”.

A escola⁴ permite também fazer menção ao ensino que se dá ou que se recebe ao conjunto de um corpo docente e discente de um mesmo estabelecimento escolar, ao método, ao estilo peculiar de cada professor/docente para ensinar, à doutrina. A educação constitui como elemento fundamental do processo de socialização de qualquer indivíduo.

Logo após algumas mudanças no ensino brasileiro, com a regulamentação da Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, alteração feita na LDB, onde se torna obrigatório, o ensino para crianças entre os 4 e 17 anos.

Os pais ficam responsáveis por colocar seus filhos na educação infantil a partir dos 4 anos e por sua permanência até os 17, assim essa regulamentação da lei proporcionou uma antecipação na aproximação dos pais juntamente com a escola, pois, anteriormente, os mesmos eram obrigados a colocar as crianças na escola a partir dos 6 anos.

Tendo em vista a integração total no seu ambiente, a escola não deveria acostumar-se sem a família, nem a família deveria acostumar-se sem a escola, uma sempre vai depender da outra em uma tentativa de alcançar um maior objetivo, que é um melhor futuro para os educandos, assim, automaticamente, para toda a sociedade no contexto.

De acordo com Perrenoud & Montandon (1998, p. 47), “as famílias preocupam-se, também cada vez mais com o desabrochar e a felicidade dos seus filhos, esperando que a escola os discipline sem os anular e os instrua sem os privar da sua infância”.

Assim, a Escola é, sem dúvidas, com assiduidade, atentamente vigiada pelos pais que lhe entregam e confiam os seus filhos com uma combinação de confiança e de desconfiança, em alguns casos. A escola necessita da família para compreender o desenvolvimento da criança, seu estilo de aprendizagem e sua cultura.

As famílias necessitam também da escola, pois agem como um parceiro de trabalho. Não é incomum ver famílias apontarem as escolas pela não aprendizagem dos seus filhos, para amenizar ficam trocando de escola, como se em alguma delas irão encontrar a solução para os seus problemas, promovendo, muitas vezes, uma maratona de trocas de escolas e não conseguem perceber que, para vencer as dificuldades de ensino aprendizagem dos seus filhos,

⁴ Para o Libâneo (1985) o conceito de escola é definido em um local onde se encontra o conhecimento para buscar ensinamentos e bons envoltimentos entre os indivíduos. Esse ambiente criado especificamente para o aprendizado dos alunos, pois é na escola que se faz um cidadão e nessa instituição de ensino que se caracteriza a colaboração para a democratização, ajudando a cumprir a sua função e conseqüentemente leva o cidadão a ser um aprendiz, com o intuito de construir conhecimentos. A instituição escolar deve ser um ambiente de transformação de relações sociais, não de reprodução da sociedade como ela é. Deve-se constituir, portanto, num ambiente que promova a mediação entre o aluno e o mundo da cultura construída socialmente, visando transmissão e apropriação ativas do conhecimento e habilidades com atuação crítica e analítica sobre o modo de produção predominante na sociedade.

necessitam firmar uma parceria, vincular-se a uma instituição de ensino, fazer essa ligação a escola do filho.

Para suprir a necessidade de se construir essa relação entre escola e família, deve-se ter um planejamento que estabeleça compromissos e acordos mínimos para que o educando, ou seja o filho, tenha uma educação com qualidade tanto em casa quanto na escola, que não se tenha essa desculpas de que o papel fundamental para obter sucesso nesse planejamento é somente da escola.

A escola não deve ser somente um lugar de aprendizagem, comum, como “vencer”, conteúdos programados no início do ano letivo, mas, sim, precisa ser, também, um lugar de ação, de afetividades, de interesses, cujos objetivos a serem alcançados são o desenvolvimento cognitivo, social e cultural do filho/aluno.

É essa ação que se necessita, pois é na escola que se relatam assuntos de grandiosos conhecimentos para os alunos, com um interesse devem conscientizar a respeito dos problemas existentes, assuntos que interagem com a família, assuntos da sociedade de vida do educando, como a destruição do meio ambiente, a desvalorização de grupos menos favorecidos economicamente, afetividade, entre outros assuntos que envolvam o aluno/filho, com a escola/família.

Na visão de Freire (1998, p. 96), a educação:

Constitui-se em um ato coletivo, solidário, uma troca de experiências, em que cada envolvido discute suas ideias e concepções. A dialogicidade constitui-se no princípio fundamental da relação entre educador e educando. O que importa é que os professores e os alunos se assumam epistemologicamente curiosos.

Especialmente na escola deve-se falar sobre amizade, sobre a importância do grupo social, sobre questões afetivas e respeito ao próximo, assim um educador/professor, consegue abordar assuntos de extrema importância, não perdendo de vista, claro, a globalidade da pessoa, percebendo que o jovem, quando ingressa na escola, em uma instituição de ensino, não deixa de irmão, amigo e, principalmente, filho. Isso tudo não deve sair de seu pensamento, só assim lembrará que seus pais devem estar ativamente em contato com sua escola.

Segundo Parolin, (2005) entende-se que já se foi o tempo em que os pais abandonavam os filhos na escola, dizendo que a partir daí a escola era responsável pela educação deles, estabelecendo o mínimo possível de relação com a mesma, dessa forma entregando a função

de ensinar os valores fundamentais para a educação social dos seus filhos. Deixando de lado esse momento especial, onde se ensina o certo, o respeito, a honestidade, bem como outros valores fundamentais.

A educação dos filhos é uma prioridade dos pais sim, mas também deve ser uma preocupação dos educadores, que passam diversas horas com eles. Os pais, por sua vez, devem envolver-se na educação dos filhos no que diz respeito à instituição de ensino, envolvendo-se não somente na integridade de aprendizagens, mas também auxiliando em atividades culturais e cívicas, mostrando para o aluno/filho como é importante essa participação em prol da educação de seus entes.

A influência que os filhos sofrem junto do meio em que vivem, junto aos amigos e junto à escola leva a concluir que este processo educativo é um componente importante na formação de cada um, contudo os pais têm um instrumento que, se for bem direcionado, resultará em algo positivo para todos os filhos, escola, amigos e pais, que são a presença efetiva na escola e nas atividades cotidianas do filho. Segundo Kaloustian (2002, p. 22).

A família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais”.

Analisando esse conceito de Kaloustian, é fundamental que os pais ajudem os seus filhos a alcançar um melhor desempenho na vida escolar, para isso é necessário que a escola, bem como a família invista na educação, não somente em participação ativa, mas também em livros novos e conceituados em níveis de educação, reservar um lugar tranquilo para os estudos, organizar a rotina da casa como da escola, para que esse ambiente de estudo seja adequado, priorizar, não sempre, pelo cumprimento de fazer os trabalhos de casa, assim a família estará presente no desenvolvimento de atividades escolares, orientar, nessas atividades, porém jamais dar a resposta certa, o dever é orientar, tanto professor, quanto família.

De acordo com Vygotsky (1987, p.35).

O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.

Preservar o tempo livre dos alunos, quando não tiverem trabalhos ou estudos, devem estar desfrutá-lo em brincadeiras, muitas vezes, que coloquem os pais e as crianças em um contato ainda mais afetivo, descontraindo momentos de estudos e responsabilidades em atividades prazerosas para eles.

Uma das coisas primordiais para o bom desempenho o aluno, é que os pais compareçam a todas as reuniões oferecidas pela escola, dialogando com os professores, inteirando-se das dificuldades e das qualidades do filho, assim o empenho e interesse será maior.

Através do pensamento de Zagury (2008) dependendo da forma com que os pais agem, eles podem colaborar ou derrubar os objetivos da escola. Em sua consciência, nenhum pai age visando a ser um empecilho ao bom resultado escolar. Ocorre que, às vezes, inconscientemente, pensando estar agindo da melhor forma, pode-se, de fato, estar causando problemas ao filho.

É bem verdade que todos nós desejamos um mundo melhor para nossos filhos, mas precisamos começar dando-lhes o exemplo. Isso só se faz na prática, exercendo a cidadania, regulando a vida e as atitudes perante as regras determinadas para todos.

Parolin destaca (2005, p. 99).

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa instituição. A escola tem sua metodologia filosófica, no entanto ela necessita da família para concretizar seu projeto educativo.

Percebe-se que a aprendizagem do aluno/filho não incide somente em um ambiente, esse sujeito está aprendendo em todos os momentos, ao entrar em contato com outras pessoas, com outros conhecimentos, como também, presenciando diferentes circunstâncias, pois são nestas situações que ele pode dedicar-se ao que aprendeu de tal maneira em casa como na escola.

É importante observar que a família e a escola são ambientes de desenvolvimento e aprendizagem, que podem trabalhar como impulsores ou inibidores desse processo educativo.

Nessa perspectiva, é admirável ressaltar como a escola e, especificamente, os professores aplicam as experiências, conhecimentos, vivências que os alunos têm em casa. A escola deve

conhecer e saber como utilizar essas experiências, para conduzir as competências ao aprendizado do aluno/filho.

Assim afirma Paro (2007, p. 34).

A escola deve se “reportar” constantemente as experiências anteriores dos educandos, é também defensável que se tomem medidas, no seio da casa ou da família, que possam, depois, facilitar na escola a apreensão dos conteúdos culturais necessários ao desenvolvimento social e cultural da pessoa. A mais importante dessas medidas parece ser o desenvolvimento de valores favoráveis ao saber e à postura de estudar e interessar-se pelo aprendizado.

Assim, entende-se ser necessário as famílias criarem um hábito de participar da vida escolar dos alunos/filhos, em reuniões de pais, entrega de boletins e toda a forma de contato que for possível, para que assim percebam a importância de se relacionar com a escola na busca de um objetivo em comum, que sempre será a educação de qualidade para os seus filhos e os alunos de instituições de ensino.

Por outro lado, a escola terá que firmar também essa parceria, criando meios de aproximação com as famílias e se a forma de contato está sendo difícil, por questões de horários, ou compromissos, fazer o possível para que os pais, que queiram participar, estejam presentes. A escola deve estar aberta a essas famílias.

4 REUNIÕES ESCOLARES: uma aproximação necessária

O presente texto tem por finalidade colaborar com a discussão e reflexão sobre a necessidade do bom relacionamento entre a família e a escola, observando a participação nas reuniões gerais que a escola promove, a fim de criar uma parceria relevante no processo educativo.

Com a intenção de aprofundar o tema “Participação da família nas reuniões escolares: uma aproximação necessária” para formação integral e com o objetivo de averiguar quais são os conhecimentos, verificar com os docentes sobre a participação dos pais nas atividades escolares, foi elaborado um questionário direcionado a professores que trabalham em classes de Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Para que se tenha um avanço na qualidade do trabalho de conclusão de curso, é indispensável que a pesquisa esteja presente nesse acontecimento. Para que assim apresente um elo com a prática pedagógica do acadêmico.

Para a coleta de dados foram elaborados questionários, com cinco perguntas, envolvendo o conceito de participação, se considera a participação da família relevante nas atividades escolares e que forma de participação os professores esperam dos familiares.

Integrando ainda mais a pesquisa, foi questionado também se os professores consideram que os pais participem de maneira significativa e satisfatória das reuniões escolares (reuniões gerais, entrega de boletins) e, por fim, como os mesmos percebem o desenvolvimento de um aluno cujos pais participam ativamente das atividades escolares.

Esse questionário foi entregue a 40 educadores de duas escolas particulares da cidade de Marau/RS, destes retornaram apenas 18 com todas as questões respondidas. Os demais participantes justificaram esquecimento ou falta de tempo para responder, o que gerou uma certa inquietação.

Respeitando a privacidade de cada um, identificaremos essas escolas com pseudônimo, sendo dado o nome de “Escola A” e “Escola B”. A primeira questão respondida pelos educadores foi: Conceito de participação.

Para a escola A, o conceito de participação é estar presente, envolvendo-se com a escola, ou com algo que faz sentido para o sujeito. Estar junto na aprendizagem dos alunos, em todos os momentos que forem necessários e possíveis. Integrar-se das ações da escola, atividades festivas, ajudando, participando, CPM da escola, contribuir sempre que seja solicitado,

envolve-se no processo educativo, tomar parte das tarefas, quando a escola está com um projeto novo, estarem presentes auxiliando, direcionando ideias inovadoras para a escola, como também ideias para os coordenadores e gestores.

Para a escola B, é fazer parte de algo, seja ele em ambientes escolares, como em quaisquer ambientes em que o sujeito quiser estar presente, participando. Fazer junto, mostrando o interesse de cada um em algo que deseja. Interagir com as pessoas intervir, mostrar interesse, envolver-se. Também foi levada em consideração que se participação remete muito ao diálogo, seja ele feito diretamente com o professor ou com a coordenação de um modo geral, para fins de melhorar alguns problemas, bem como, trocar ideias e experiências.

As duas escolas destacam como conceito de participação, aquele em que os indivíduos se envolvam, troquem experiências, se relacionem com uma metodologia dialógica, para compreender melhor essa prática dialógica, que remete as considerações dos participantes destaca Paulo Freire (1987, p. 78).

O diálogo torna-se a essência de uma educação humanizadora² e se constitui como um fenômeno essencialmente humano, realizado pelas pessoas por meio da palavra, a partir de duas dimensões: a ação, para a transformação e não alienação e a reflexão, atrelada à conscientização crítica e não alienante. Assim, a palavra não deve ser um privilégio de poucas pessoas, mas direito de todos os homens e mulheres, já que como diz o autor: “Os homens se fazem pela palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Dialogar significa conversar, comunicar-se à procura do entrosamento, com o alvo de resolver problemas comuns não existe educação sem conflitos e sem diferenças. Daí a importância do diálogo no desenvolvimento e na sustentação da educação escolar. Tanto os pais como a escola não carecem pensar igual ao conversar sobre assuntos rotineiros, por exemplo. Ao contrário, quando não há diferenças, não há o que se compreender, entender, modificar, não há o que estudar. Ouvir o que os pais, a escola, coordenação, direção têm a dizer sobre é importantíssimo.

Logo foi questionada a segunda pergunta: “Você considera a participação da família relevante nas atividades escolares. Por quê?” Para a escola A, todos os participantes concordam que a participação da família tem importância nas atividades escolares, pois a grande maioria salienta que a aprendizagem do aluno será significativa se a família acompanha esse processo. Destacam também que o trabalho em conjunto é fundamental para qualquer resultado positivo que se deseje alcançar. Logo, também se sobressai a motivação

que esse aluno/filho ganha quando os pais participam das atividades escolares, colocam que essa forma de participação é uma valorização na aprendizagem e no interesse do aluno.

Para a escola B, todos os participantes também concordaram, salientaram que a presença da família auxilia no bom desenvolvimento do aluno/filho, pois a família e a escola devem caminhar juntas, destacam também que o empenho e a educação do aluno têm melhorias se a família estiver junto, salientam que a escola é uma extensão da família, e a relação das duas deve ocorrer de forma coerente e positiva.

Segundo Chraim (2009, p. 26 e 27).

É na base familiar que a criança começa a construir sua real identidade, que será formada a partir das experiências e da forma como aprendeu a lidar as informações que recebe. (...) a base familiar a personalidade da criança por meio da carga genética, das características pessoais, das influências do meio onde vive e, principalmente, da interação entre esses fatores que norteiam seu caráter.

Chraim confirma a opinião dos participantes, pois é fundamental que os pais ajudem os seus filhos a alcançar um melhor desempenho na vida escolar, além virem da família as suas primeiras formações, é também onde, depois, o aluno/filho será auxiliado no seu processo de ensino aprendizagem-se que a participação da família é essencial para um bom desenvolvimento do aluno/filho.

Como terceira pergunta: “Que forma de participação você espera dos familiares?” Para a escola A, a forma mais correta de participação dos familiares é acompanhar nos estudos, nos temas, saber as datas de provas e de trabalhos, estar presente em trabalhos à distância, acompanhar a leitura, estimular que sejam realizadas leituras diárias, estar presente nas entregas de boletins ter mais diálogo, participar também dos momentos de lazer, festividades escolares, brincadeiras com seus filhos, fazer parte da recreação dos mesmos. Participar em reuniões e não ir à escola somente quando é muito necessário estar presente.

Para a escola B, os familiares devem participar das atividades escolares, conversar com o professor diariamente se possível, participar em eventos escolares. Acompanhar nos temas de casa, ajudando e auxiliando nas dificuldades, percebendo no que o filho/aluno tem dificuldades, no que o mesmo está aprendendo, porém sem fazer por eles, já que é primordial que o aluno realize esses trabalhos extraclasse e que os pais somente acompanhem. Quando os pais forem solicitados a estarem presentes, comparecer, isso é importante para o aluno/filho, perceber que os pais se importam com a sua educação e sua aprendizagem. Olhar a agenda escolar dos filhos todos os dias é um meio de comunicação entre a escola e a família.

De acordo com Negrine (1994, p. 41).

Brincar ajuda a criança no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, pois, através das atividades lúdicas, a criança forma conceitos, relaciona idéias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais, reduz a agressividade.

Negrini destaca a importância do brincar, na análise das respostas, salientou-se essa importância dos pais nos espaços de lazer do filho, esses momentos de descontração são fundamentais. Eventos criativos que a escola oferece é uma atração para os filhos se divertirem em meio aos espaços escolares, além de estar em constante participação dos festejos escolares.

A quarta pergunta dizia respeito às reuniões de uma maneira geral e questionou-se: “Nas reuniões escolares (reunião geral, entrega de boletins), você considera que os pais participem de maneira significativa e satisfatória?”

Para a escola A, todos os participantes afirmaram que a participação dos pais deve ocorrer de forma significativa, criando diálogos entre pais, professores, coordenação, com essas conversas todos podem sugerir ideias, elogiar projetos que estão dando certo, a inquietação que os participantes colocaram, é que quem mais precisa dessa troca de experiências desse diálogo, não participa dessas reuniões, muitas vezes não vem pegar o boletim do filho. O ano começa e termina e a família não conhece a metodologia e a filosofia da escola, nem dos professores. As reuniões e entregas de boletins são momentos apropriados, já que o professor encontra-se à disposição para expor o nível de conhecimento e as atitudes do aluno, o seu relacionamento com os colegas e professores, suas dificuldades e facilidades, assim o professor pode realizar uma conversa para resolver esses problemas que estão dificultando a aprendizagem do aluno/filho.

Para a escola B, os participantes salientam que nas redes particulares de ensino a participação dos pais é quase sempre significativa, o problema é em redes públicas, que alguns pais não participam, quebrando essa relação que é fundamental entre a escola e a família. Essa participação, esse acompanhamento é uma valorização aos filhos, mostrando interesse a ele. Entretendo os participantes da escola B, levaram em consideração que se os pais não podem estar presentes no dia marcado das reuniões, a escola e os professores devem estar à disposição quando essa família vier em busca desse diálogo, pois entendem a rotina diária de trabalho e horários corridos que as famílias têm hoje em dia.

Como diz Paro (2007, p.30).

A escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas. Só assim, a família irá se sentir comprometida com a melhoria da qualidade escolar e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano.

História familiar e história escolar perpassam por caminhos concomitantes. É impossível separar aluno/filho, contudo quanto maior o fortalecimento dessa ligação, relação entre família/escola, tanto melhor será o desempenho escolar desses filhos/alunos. O objetivo será sempre o mesmo o bem estar, a aprendizagem, o desenvolvimento do aluno, tanto para a família quanto para a escola e é melhorando essa preparação para a vida, que se tem a maior participação dos pais nas reuniões pedagógicas, como também uma participação livre, ou seja, mais independência.

E, como quinta e última pergunta, levou-se em consideração o desenvolvimento do aluno e questionou-se: “Como você percebe o desenvolvimento de um aluno em que os pais participem ativamente das atividades escolares?”

Para a escola A, o aluno que tem a presença ativa e satisfatória dos pais, tem mais responsabilidades e organização com seus materiais, datas de provas, de trabalhos, segurança, em opinar, segurança em realizar trabalhos oralmente, entende e sabe o que deseja para si, já pensa e idealiza o seu futuro, com uma clareza em seus objetivos, tem limites em suas atitudes e seus sonhos, sabe qual o momento certo para realizar alguma tarefa o qual lhe traga algum tipo de satisfação. Esse aluno é mais motivado, pois, quando os pais participam ativamente no momento dos estudos, os filhos/alunos percebem o interesse e o afeto que os pais e professores sentem por eles. E apresentam mais seriedade nos estudos.

Para a escola B, essa parceria dos pais com a escola faz toda a diferença, é possível notar a responsabilidade passada para os filhos/aluno, os avanços deles superando as dificuldades, pois essas dificuldades de uma maneira ou outra, os pais estarão sabendo, facilitando o trabalho contínuo dentro das famílias. A preocupação dos pais com os estudos dos filhos, inteirar-se se as tarefas e os temas estão em dia, olhar sempre a agenda, antecipar-se em leituras e estudos para as provas com as crianças, estudar em conjunto com o filho/aluno, tudo isso deve fazer parte da rotina familiar, tendo em vista que essa participação é fundamental para um bom desenvolvimento do aluno, assim os participantes salientaram.

Na visão de Paulo Freire (1987, p. 18), relata.

A educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se opção é progressista, se não se está a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não se tem outro caminho se não viver a opção que se escolheu. Encarná-la, diminuindo, assim, a distância entre o que se diz e o que se faz.

A educação não se constrói sozinha, as várias experiências trocadas entre a família e a escola fazem com que o desenvolvimento do aluno avance sempre para o melhor. A escola e a família têm que estar em constante diálogo e com trocas de experiências, criando uma união, uma parceria em prol dos aluno/filhos. Realizando reuniões e obtendo a participação dos pais adquirem-se objetivos comuns e antecipa-se aspectos do trabalho da escola que precisam ser tomados em conhecimentos.

Abordar temas importantes para cada fase do desenvolvimento da turma, como por exemplo, leituras complementares, lazer e brincadeiras com os filhos visa ampliar a confiança no trabalho desenvolvido pela escola e favorecer a integração dos pais, que, ao participarem, demonstram para as crianças a valorização que têm pela a escola, além de ser uma oportunidade de conhecer a filosofia da escola, quais são os valores que serão passados para o filho/aluno. As reuniões de pais é a apoio para a criação de um vínculo de confiança e respeito entre pais e educadores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa abordou o tema “Participação da família nas reuniões escolares: uma aproximação necessária para formação integral”. Pode-se dizer que foram muitas as aprendizagens construídas pelo processo de efetivação desta pesquisa.

Através de estudos proporcionados pelas obras bibliográficas de autores que abordaram o assunto e, ao considerar que a família e a escola devem estar em constante diálogo e relação de companheirismo, para um bom desenvolvimento do aluno, levamos em consideração que essa relação família e escola são um apoio indispensável, para o filho/aluno. Levou-se em consideração também que os pais são os primeiros professores do aluno os primeiros companheiros de sua aprendizagem, suas experiências, ensinamentos.

Por meio da pesquisa de campo, realizada com educadores que atuam nas classes de educação infantil, ensino fundamental I, ensino fundamental II e ensino médio foi possível averiguar que a maioria dos educadores entrevistados possui conhecimento e experiências, dentro do tema abordado. A partir das descrições dos entrevistados, a maioria se referiu à participação da família como ferramental fundamental para o desenvolvimento do aluno.

Ainda, a partir dos escritos dos educadores, de modo geral, todas se referiram ao diálogo com o professor, direção, coordenação, como sendo um elemento importante, auxiliando nas dificuldades e as facilidades do filho/aluno, complementando com ideias correntes a assuntos ou projetos envolvendo a comunidade escolar.

Ao analisar as questões respondidas, também foi possível averiguar que todos os educadores levaram em consideração que a participação da família não é somente perguntar ao professor como o filho/aluno esta na escola, o seu desempenho ou sua aprendizagem, é saber as datas de provas, quais os trabalhos que estão agendados, ajudando na construção desses trabalhos, sejam eles em grupos ou individuais, porém sem fazer os mesmos para o filho/aluno, estar presente para auxiliar esse processo de construção de conhecimento.

Levando-se em consideração os alunos que não têm a família presente, participativa na escola, ou que os pais só vão à escola quando são chamados com insistência porque seus filhos estão com algum problema, esses alunos não têm um desempenho satisfatório na escola, assim foi observado nas questões respondidas pelos educadores.

A partir do presente trabalho foi possível alcançar os objetivos propostos, tanto no geral, quanto nos específicos, visto que possibilitou conhecer os conhecimentos que os

educadores obtiveram sobre a participação, sobre a relação família e escola, quais são as atitudes dessas duas instituições que devem ser colocadas em prática.

Pelo estudo realizado pode-se concluir que há estudiosos que vêm comprovando a importância dessa afinidade no contexto escolar, uma vez que esta possibilita um desenvolvimento cognitivo integrado às demais dimensões do ser humano, especialmente nas dimensões de conhecimentos e experiências inovadoras. No espaço educativo é preciso que as famílias e as escolas estejam em constantes diálogos, trabalho em conjunto, para que o aluno/filho alcance os objetivos que desejam.

Não existe um procedimento ideal para se concretizar a relação família e escola, pois cada família e cada escola convivem com realidades diferentes, a interação família e escola se faz necessário para que ambas admitam suas realidades e arquitetem coletivamente uma relação de diálogo recíproco, procurando meios para que se concretize essa parceria, apesar das dificuldades e diversidades que as envolvem.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento.** In AQUINO, J. G. (org.) *Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e práticas.* (11^a ed.) São Paulo: Summus Editorial, 1996.

ARIÈS, P. **História Social da criança e da família.** Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CHAGAS, Valnir. **Educação Brasileira: o ensino de 1º e 2º graus – antes e agora e depois.** São Paulo: Saraiva, 1980.

CHARAIM, Albertina de Mattos. **Família e escola: a arte de aprender para ensinar.** Rio de Janeiro: Wak editora, 2009.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo.** 8ªed. São Paulo: Cortez, 2001.

DIAS, Maria Luíza. **Vivendo em família.** São Paulo: Moderna, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES, R. A. **Luzes e Sombras sobre a Colônia – Educação e Casamento na São Paulo do século XVIII.** Nº 3. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP-Departamento de História, 1998.

KALOUSTIAN, S. M. **Família brasileira: a base de tudo.** 5ºed. São Paulo: Cortez, 2002.

LEITE, Eduardo de Oliveira. **Famílias monoparentais: a situação jurídica de pais e mães solteiros, de pais e mães separados e dos filhos na ruptura da vida conjugal.** 2º ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2003.

LDB. **Interpretada: diversos olhares de entrecruzam.** 8º ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública- A Pedagogia crítico-social dos Conteúdos**. São Paulo. 13. Ed. Editora Loyola, 1985.

MONTANDON, C; PERRENOUD, P. **Entre Pais e Educadores: Um diálogo impossível?**. Oeiras: Celta, 1998.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: Editora USP, 1974.

NEGRINE, Airton. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Prodil, 1994.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2007

PAROLIN Isabel. **Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem**. Curitiba: Positivo, 2005.

PEREIRA, Sérgio Gischkow. **Tendências modernas do direito de família**. RT, 1988.

REDIN, Marita Maria. Sobre as crianças, a infância e as práticas escolares. **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas, São Paulo: 1991.

SZYMANSKI, H. **A Relação Família/Escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Liber Livros, 2010.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ZAGURY, Tânia. **Escola sem conflitos: parceria com os pais**. Rio de Janeiro: Record, 2008

APÊNDICE A - Questionário



Sou acadêmica do Nível VIII do Curso de Pedagogia da Faculdade da Associação Brasileira de Educação- FABE MARAU. E solicito a sua participação, respondendo o questionário abaixo.

*** Sua identidade será preservada.**

- a) Conceito de participação.
- b) Você considera a participação da família relevante nas atividades escolares. Por quê?
- c) Que forma de participação você espera dos familiares?
- d) Nas reuniões escolares (reunião geral, entrega de boletins), você considera que os pais participem de maneira significativa e satisfatória.
- e) Como você percebe o desenvolvimento de um aluno em que os pais participem ativamente das atividades escolares.